

Bandeira
Sérvulo Esmeraldo

Sérvulo Esmeraldo (Crato, CE, 1929) é um dos nomes representativos das artes brasileiras de todos os tempos. Passou pela gravura (tem uma importante obra gráfica), pelo desenho, pela pintura, mas foi na escultura que alcançou sua excelência. Inquieto, experimentou a arte cinética, os relevos e faz esculturas que se movem ao sabor dos ventos ou interação com a luz. Vive em Fortaleza, depois de uma passagem por São Paulo e de mais de 20 anos em Paris, onde cruzou várias vezes com Antônio Bandeira. Ele tenta reconstituir alguns destes momentos e devolvê-los à nossa fruição. O depoimento foi colhido na casa onde vive com Dodora Guimarães, publicitária, curadora independente e “marchand”, no bairro Salinas, em Fortaleza, dia 2 de setembro de 2009.

Como eu conheci o Bandeira talvez não seja o mais correto, mas sim como eu ouvi falar de Bandeira. Eu trabalhava na gráfica do Instituto do Ceará (à Praça General Tibúrcio, s/n, de acordo com o Almanaque do Ceará de 1950). Foi um emprego que o Fran Martins (Francisco Martins, Iguatu, CE, 1913 / Fortaleza, CE, 1996, ficcionista e professor de Direito Comercial) me arrumou pra me ajudar como estudante que eu era...

Isso foi em 1949 ou talvez 1950... Talvez seja 1949 mesmo, porque eu fiquei mais de um ano lá e em 1951 eu já fui pra São Paulo. Então, vamos dizer, não é uma data precisa... É entre 1948 e 1949 – 1948 é quando eu saí do Crato...

Quando eu encontrei o Manuelito (Manoel Eduardo Pinheiro Campos, Guaiúba, CE, 1923 / Fortaleza, CE, 2007), ele tinha publicado um livro (*Águas Mortas*. Fortaleza: Edições Clã, 1943). As ilustrações e a capa desse livro eram do artista Bandeira. Eu perguntei quem era o Bandeira. Aí ele disse: “Ah, o Bandeira é um cabra véi da peste, morou em Paris, é um artista nosso aqui do Ceará”. E eu simplesmente nunca tinha ouvido falar do Bandeira, mesmo já conhecendo alguns artistas da SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas, fundada em 1944), mesmo já frequentando os salões, eu nunca tinha ouvido falar de Bandeira.

Depois disso, eu sei que cheguei a Fortaleza uma série de desenhos que alguém trouxe de Paris para ser vendido aqui para que esse dinheiro fosse mandado para

Bandeira em Paris, onde ele não tinha bolsa, apenas trabalhava. Meu encontro mais aproximado do Bandeira foi quando eu o vi pessoalmente, que ele veio para primeira Bienal (Internacional de Artes) do Estado de São Paulo em 1951 – era fim de 1951, se não me engano. Ele veio e chegou justamente para Bienal, muito ajudado, digamos, muito encorajado pelo Aldemir Martins (Aurora, CE, 1922 / São Paulo, SP, 2006), que sempre foi um amigo de Bandeira, desde antes de ele ir para Paris. Então, nesse ano da Bienal, eu tive contato com o Bandeira.

O Bandeira falava francês e eu gostava de ver o Bandeira falando francês com o pessoal, o grupo francês que tinha chegado pra participar da Bienal, fosse como artista, fosse como participante da parte administrativa, por exemplo: quem era crítico de arte, quem ia ser membro de júri, quem era dono de galeria, quem era diretor de museu lá em Paris... Então, eu me acostava de propósito para me aproximar de Paris, porque nessa época eu já sabia que iria ou para os Estados Unidos ou para Paris; Paris ganhou e eu fui para Paris – quer dizer, quem ganhou fui eu. Quando eu digo “Paris ganhou”, é do ponto de vista de jogo (risos), não é ganhou nada. Também não vou ser idiota, deixei meu rastro lá, sobretudo como gravador. Mas não estamos aqui para falar de mim, e sim do Bandeira. Então, meu convívio com o Bandeira aqui em São Paulo foi muito pequeno, porque ele andava mais nas grandes rodas, com os grã-finos, com todo esse pessoal que envolve a vida das pessoas que têm uma influência, e o Bandeira chegou aqui já muito badalado. Vou dizer isto porque nós estamos aqui pra falar a verdade: badalado com uma badalação que em Paris ele não tinha.

Eu cheguei para morar em Paris em 1957, isto é, sete anos depois de eu ter encontrado o Bandeira na Bienal. Eu cheguei a Paris num domingo e fui acolhido por um jovem estudante cearense que estava em véspera de exame e não podia se ocupar de mim. Eu ia passar aquela noite na casa dele e no dia seguinte eu ia me ocupar de fazer contato com as autoridades francesas, porque eu tinha ido como bolsista, e eu ia entrar em contato com ele para saber onde eu ia ser alojado e tudo mais. Então, esse rapaz,



125

Cidade adormecida
Óleo sobre tela
33 x 55 cm
1956

como ele não podia se ocupar de mim porque ele estava preparando os exames dele, ele me deu algumas trilha, algumas indicações e me soltou nas ruas de Paris. Isso cerca de seis horas, sete horas da noite. Então eu saí andando...

Era outono. Aí eu saí andando. Eu conhecia Paris por ouvir falar, por livros, por revistas, por jornais. E eu tinha uma grande vantagem a meu favor: é que eu conhecia o francês, podia ler em francês etc. Eu tinha uma tia que era professora de francês e foi ela quem me iniciou nos primeiros passos da língua e quem me deu livros para eu ler. Evidentemente, depois, quando eu fui para São Paulo, eu conheci franceses e pessoas brasileiras que eram cultas na língua francesa porque tinham lido muito da literatura francesa, que era extremamente importante no Brasil naquela época, muito mais do que a americana, que veio depois – era muito mais lida pelos intelectuais a literatura francesa que a literatura inglesa. Mas isso nos faz sair do que eu queria chegar. É que eu, então, solto que fui em Paris sem conhecer a não ser de livro e pelo mapa, me mandei, saí andando em Paris em certos lugares e jantei num restaurante, considerando os preços, porque era obrigado ter um letreiro com os pratos e os preços. Então eu jantei, bebi um vinho, tomei um conhaque, fiz toda a bagunçada que eu queria fazer. Como era domingo, os lugares que eu estava procurando, um bar, um restaurante, essas coisas não abriam, e eu fui cair no “Les Deux Magots”, que era um dos que eu conhecia por ouvi falar, um café onde ficavam os existencialistas e a boemia intelectual, estava aberto, com quatro ou cinco clientes, só. Eu fiz um pedido e o garçom já me preveniu que eles fechariam dentro de tanto tempo, que eles não poderiam me dar jantar nem coisa nenhuma. Eu disse: “Não, deixa só eu tomar um drinque aqui, vou ler aqui esse jornal e tô à sua disposição, quando for fechar o senhor avisa”. Lá fiquei um certo tempo, teve uma senhora com um cachorrinho que se aboletou do meu lado, mas eu também não conversei com ela, fiquei lendo o *Le Monde*, o jornal que mais me interessava e que eu adquiri pra ler. Quando o homem foi fechar o bar, eu saí e, quando tava saindo, andando em direção aonde eu morava, onde eu tava pernoitando,

atrás de mim tem um grupo de pessoas, homens rindo e falando, um grupo muito divertido. E, entre as vozes, surgiu uma voz assim meio rouca, meio gutural, e eu só conhecia uma voz daquele jeito, falasse a língua que falasse. Eu disse: “Isso é o Bandeira”. Timidamente eu viro a cabeça e não tem outra: o Bandeira com o grupo de amigos dele – ele era muito bem relacionado. Eu olhei bem e ele se aproximando, aí eu disse: “Bandeira?” Ele me reconheceu, nós conversamos muito, ele me apresentou aos amigos, ficou muito contente de me ver, ele já sabia que eu arranhava o francês, já me apresentou aos amigos dele, eu conversei com eles, aí eu contei que eu tinha chegado e ele disse: “Ah, mas você devia ter prevenido, a gente teria marcado...” Todas essas gentilezas que faziam parte do ser do Bandeira. E aí ficamos. Fomos para outro bar e aí ficamos, os amigos foram se dispersando e nós fomos ficando. Já era muito tarde na noite e eu disse ao Bandeira que precisava acordar cedo para ir ao Comitê da Migração, um organismo que recebe, como o próprio nome indica, os estudantes que estão chegando do exterior. E ele foi me deixar em casa.

O Bandeira era também uma pessoa muito delicada, no bom sentido da palavra. Ele era atenciosíssimo com as pessoas, fosse quem fosse: Bandeira tratava com muita cordialidade. E foi assim que ele, embora já me conhecesse um pouco aqui do Brasil, ele foi muito gentil e se propôs a ir me deixar no táxi que ele ia pegar para ir pra casa, que nesse momento ele tava morando em “Montmartre”. Ele me deixou onde eu tava hospedado e pronto, fomos embora. No dia seguinte, ou dali a dois dias, eu dei o meu ponto de residência e telefonei para ele. Eu não tinha telefone, telefonei pra ele, mas dei o telefone do hotel e assim nós mantivemos contato. Em poucos dias, ele estava me procurando para convidar para almoçar, nós almoçamos, ele foi de uma extrema gentileza. Já depois, me convidou pra ir onde ele tinha um ateliê, que tinha sido o ateliê de um outro artista, e eu me lembro de um detalhe muito importante: é que esse artista, que já tinha utilizado aquele local como ateliê, ele limpava os pincéis dele sacudindo a tinta, e (o local) era todo pintadinho de gotas de tinta. Ele me



127

Paisagem longínqua
Óleo sobre tela
38 x 55 cm
1956

disse o nome do artista, que provavelmente era uma das pessoas que eu devia conhecer na época, mas que não registrei. Há certos momentos em que a sua cabeça está mais interessada noutros detalhes, que não esses de nome de fulano ou de beltrano. Eu queria mais conversar com ele sobre outras coisas, vamos dizer, mais profissionalmente: museus, galerias que ele me aconselhava ver em primeiro lugar; tudo mais. E ele foi muito gentil, ele fez uma lista de coisas que ele me aconselhava a ver; fez o que uma pessoa amiga faz. E assim nós tivemos um contato sempre muito frequente em Paris.

O Bandeira foi muito gentil – como eu já disse, nunca é demais repetir –, ele me falava das exposições que aconteceriam, dava a data, dizia as que ele estaria também... Em grande parte foram exposições de pessoas que ele conhecia ou de amigos, e nós nos encontrávamos lá. Sempre tinha um coquetel, a gente bebia alguma coisa por lá, e depois, sempre se ele tivesse um programa, ele me juntava aos amigos dele e nós íamos. Mas foi um momento em que minha vida escolar não me permitia mais tanta saída assim, eu só podia ficar passeando nos fins de semana. E também fim de semana era uma coisa que ele talvez tivesse mais interessado em ficar em casa pra descansar, ou em programa com o grupo dele etc.

Eu sabia que ele teria morado numa mansarda. Mas, quando eu o vi, ele já estava nesse ateliê, que era um espaço vasto, onde ele tinha cozinha, banho e o quarto onde ele dormia. Quer dizer, era uma coisa mais cômoda. Um cômodo mais cômodo.

Durante esse período em que eu estive em Paris, o Bandeira não expôs por pelo menos dois ou três anos, o tempo em que ele ficou por lá. Depois ele voltou pro Brasil. Em Paris mesmo, na França, posso dizer que não houve exposição do Bandeira.

O Wols (Alfred Otto Wolfgang Schulze, 1913 / 1951) já tinha se suicidado, ele já tinha morrido. Agora, Paris é uma cidade onde é o mundo da pintura, da escultura, da gravura, tinha boas galerias, muitas galerias. E eu me lembro de uma galeria que tem até o nome de um artista... Eu vou lhe dar isso, eu fico lhe devendo.

O Bryen (Camille Bryen, 1907 / 1977) morava num bairro, numa rua, perto da casa do Poliakoff (Serge Poliakoff, 1900 / 1969), um artista muito conhecido. O Bryen era uma pessoa que já tinha feito uma carreira, um nome conhecido, enquanto o Bandeira era mais conhecido de grupo, do grupo dele, dos amigos, dos artistas do grupo dele... Mas, do ponto de vista crítica, do ponto de vista divulgação, nas revistas especializadas, eu nunca via, ele não era uma pessoa muito badalada, não.

Vivia de arte. Por exemplo, nesse grupo que encontramos na noite, dois deles faziam design de interior; esses profissionais que fazem ambientação, e eu sei que eles colocavam obras do Bandeira. Mas no mercado de arte mesmo o Bandeira não tinha o que se pensa aqui do Brasil. Isso é muito importante que se diga, porque nós estamos aqui para dizer a verdade, não é para fantasiar coisa nenhuma. Então, o Bandeira não era o artista como no Brasil se falava dele. Eu estou falando do ponto de vista profissional. O currículo do Bandeira na França não é uma coisa muito... Se você analisar, é algo bem modesto – até ele vir para a Bienal de São Paulo. Foi quando ele teve um prêmio da Fiat, e isso já deu a ele uma brecha na Itália... Talvez seja até uma coisa conclusiva, por enquanto, o que atrapalhou muito o Bandeira da França foi a vizinhança dele, que era excessivamente próximo do Wols, e isso freou.

Ele falou do Wols muitas vezes, mas da importância do Wols na obra dele, ele não falou. Mas, sobre a influência da obra do Wols sobre a obra do Bandeira, eu vou lhe dizer: eu ainda não tinha ido pra França e, quando eu vi o trabalho do Bandeira em São Paulo, eu percebi que o Bandeira era discípulo, ninguém precisou me dizer. Agora, eu queria chegar num ponto muito importante: o Bandeira era uma pessoa muito sensível como artista, ele era bem dotado, mas ele tinha ficado preso naquilo ali, preso na influência do Wols. A primeira Bienal foi uma coisa muito importante, porque, vamos chamar de “o grande público brasileiro”, entre aspas, entrou em contato com o mundo da arte internacional. Então, se um artista tinha uma obra que era aparentemente ou visivelmente apoiada no trabalho do outro, as pessoas compreendem. De forma que,



129

Cidade esboçada em azul

Óleo sobre tela
55 x 46 cm
1956

quando eu conheci o trabalho do Wols depois da Bienal, sobretudo, eu também tive essa informação sobre o Wols. E a gente tem uma educação visual que nem todo mundo tem, porque nós trabalhamos com isso e educamos isso, e imediatamente eu percebi isso. Quando eu cheguei à França, a coisa ficou mais evidente. E certamente as pessoas sabiam disso, os artistas percebiam, os críticos percebiam – daí talvez o fato de o Bandeira ter sido um artista que não comparecia muito, ele estava num plano, vamos dizer, menor. Nós estamos fazendo um trabalho científico, nós não podemos ser dúbios.

Bom, quando o Bandeira voltou dessa última temporada dele no Brasil, ele mudou profundamente. Ele estava desenvolvendo uma linguagem pessoal na qual se lia perfeitamente um artista diferente que não era o Bandeira, era outro artista. Ele estava desenvolvendo um trabalho... Evidente que sua escrita é sua escrita, mesmo que você se baseie no Picasso (Pablo Picasso, 1881 / 1973), você vai ter alguma coisa de sua, de pessoal. Só que, às vezes, omitir essa dependência – essa influência, que é a palavra mais justa – é difícil. E ele rompeu... E o lado que eu acho mais triste, comovente, é que ele estava num período... O Antônio Bandeira estava nascendo de novo e ele contava com um trabalho que era realmente interessante – não tinha inventado a pólvora, mas era uma coisa com uma linguagem própria.

Eu acho que a obra figurativa do Bandeira não está à altura da segunda parte, da parte, vamos dizer, “wolsiana”. E a terceira parte era uma escrita muito pessoal. É lamentável, porque ele morreu sem tempo de deixar uma obra considerável em número dessa fase.

Ele era uma pessoa muito boêmia, mas ele era muito trabalhador. Agora, a boemia do Bandeira não era assim uma boemia que fosse muito evidente, não. Era preciso conviver pra compreender como é que se dava o dia dele, por exemplo, como é que ele tratava das horas dele.

Eu acho que, no momento em que ele chegou a Paris e quando já tinha um ano ou dois de vida parisiense, o vento soprava era a favor dele no que diz respeito ao fator racial. Ele fazia um tipo estranho, exótico. Tinha muitos amigos. Houve uma besteira: um artista nosso cismou de

trazer o corpo do Bandeira para cá, como se corpo fosse pacote, sendo que lá ele tinha um cemitério... Acho que lá em “Montmartre” mesmo... Salvo engano era no “Père Lachaise”, mas também não vou lhe assegurar, não, eu nunca vi o túmulo do Bandeira, não me lembro de ter visto. E aqui você também não vê, que é no (Cemitério) Parque da Paz... Os amigos dele tinham feito um túmulo pra ele, onde tinha o nome dele, onde tinha uma inscrição dizendo quem ele era. E era um grupo de três ou quatro amigos que, sem poder assegurar com precisão, assinavam embaixo da lápide. Aí pegaram e trouxeram o pobre do Bandeira pra cá e ele está num local que ninguém liga, nem a família, provavelmente.

Quando eu cheguei a Paris, tinha o Piza (Arthur Piza, 1928), que fez uma carreira muito bem situada, uma obra considerável... Quando eu cheguei, tinha o Flávio Shiró (1928), que já morava em Paris há um certo tempo, há uns três ou quatro anos, já tinha casado e tudo... Quem mais? O Krajcberg (Frans Krajcberg, 1921) chegou em um momento em que o Bandeira já estava voltando para o Brasil. Eles não tiveram tanto contato, não, foi mais um contato mundano, assim, acho que eles se viram no Rio, mas, como eu não estava aqui, eu não posso dizer..

Depois da Bienal de São Paulo, o Bandeira começou a aparecer, ele foi expor na Itália – essa da Alemanha eu não sei, ou não estava lá... Nós estamos trabalhando numa faixa de tempo muito curta, porque o Bandeira morreu muito novo. Ele veio para cá e passou quatro ou cinco anos aqui no Brasil. Então esse período foi um período em que ele estava crescendo do ponto de vista do mercado, ele ganhou muito dinheiro no Brasil, ele vendeu muito bem. Tem uma coisa muito curiosa: o Bandeira, quando veio para a primeira Bienal, ele veio aqui para Fortaleza e fez uma exposição bancada pela Universidade (do Ceará), pelo professor Martins Filho (Antônio Martins Filho, Crato, CE, 1904 / Fortaleza, CE, 2002), e aquela fase do Bandeira aqui, nessa exposição, já é uma fase que se desliga em grande parte da influência do Wols. É nítido, ele tava rompendo, no bom sentido, com o período parisiense dele – rompendo talvez seja uma palavra muito forte, mas ele tava superando.



131

Árvores em azul
Óleo sobre tela
46 x 54 cm
1956

Parece que eles (Bandeira e Vieira da Silva) não se davam muito bem, por um problema... Eu vi muitas vezes a Maria Helena Vieira da Silva (1908 / 1992, pintora portuguesa, depois naturalizada francesa, que passou temporada no Brasil durante a Segunda Grande Guerra), mas eu achei que ela era uma mulher muito antipática, não sei se era porque eu era brasileiro, mas a gente se conhecia, ela e o marido dela (o pintor húngaro Arpad Szenes, 1897 / 1985). Uma pessoa muito mais, do ponto de vista humano, aparentemente, mais agradável do que ela. Embora, por exemplo, eu tivesse uns amigos portugueses que eram muito amigos dela, tinha um que era até uma espécie de pessoa que ia se responsabilizar, no caso de ela morrer, por divulgar a obra dela. Eu nunca falei dela para o Bandeira, nunca me referi, nunca tive ocasião nem razão para fazer isso. A Maria Helena com o Bandeira não se davam por uma questão de parentesco, eu misturei as coisas, de parentesco, de estilo. Aí eu diria que não é influência, é um parentesco.

É, mas eu acho que lá eles não se deram muito bem, não. Mas eu não tenho nada que prove isso. Apenas eu digo que quando se falava dela... O Bandeira, ele era muito sutil, muito fino, ele não... Duas ou três vezes na minha vida eu vi o Bandeira, como ele disse, com baixo astral. Mas uma vez um amigo dele cruzou e perguntou: "Como vai, tudo bem?" Aí ele disse: "J'ai le cafard" (gíria que significa estar triste). O amigo perguntou: "Por quê?" E em francês ele disse: "Porque sim". Eu achei muito engraçado.

Ele era chamado de "Banderrá". Também tinha as pessoas mais chegadas a ele que o chamavam de "Antoine". Muitas vezes almoçávamos juntos, jantávamos. Quando ele pedia um bife, fígado, ele pedia carbonizado (risos). Fora isso, ele comia normalmente a comida francesa. Fazia comida em casa, mas coisa muito pequena, prato assim, com salada, um bife, coisas muito simples. Às vezes em que eu almocei e jantei na casa dele, eram coisas muito simples que se comia.

Eu sei que ele tinha esses amigos que faziam decoração de apartamentos e eles botavam a obra do Bandeira. Por intermédio desses amigos, ele tinha vendido bastante, sobretudo depois que ele voltou do Brasil com prêmio da Fiat, da Bienal, e também das exposições que ele fez

no Brasil. Ele pôde mostrar catálogos, coisas que ele podia mostrar na França de antes, porque ele não tinha feito, ou se tinha feito era coisa muito modesta.

Para o mercado de arte, o pós-guerra era muito bom, porque os americanos invadiram de cheio. O Bardi (Pietro Maria Bardi, 1900 / 1999) já é outra coisa, ele estava fazendo uma coleção para um museu. O Bardi era italiano, né, ele tinha muito acesso aos artistas e às galerias na Itália. E também uma pessoa que chega e se apresenta como comprando arte para um museu é sempre muito bem recebida. O Bardi fez um trabalho muito bom, fez uma escolha muito boa, e certamente obteve preços interessantes... O Chateaubriand (Assis Chateaubriand, 1890 / 1968, dono dos *Diários Associados*, conglomerado de empresas de comunicação) tirou muito dinheiro dos paulistas pra montar o MASP (Museu de Arte de São Paulo). E o Bardi fez com muita competência. Eu sou uma pessoa que devo muito ao Museu de São Paulo, à coleção de Chateaubriand, que era uma figura muito curiosa... Ele pensar em fazer um Museu de Arte Contemporânea em São Paulo, naquela época, em que o Museu do Ipiranga era talvez a coisa mais rica...

Eu via muito o Bandeira. Depois que eu casei, ele veio lá em casa, jantou com a gente umas duas vezes, mas depois veio logo para o Brasil e desapareceu da França, então perdi o contato com ele. Eu lembro que eu cheguei a mandar o convite de uma exposição minha e ele respondeu... Nunca tive nenhuma coisa do Bandeira. Minhas irmãs tiveram porque tinham um livrinho de autógrafos e ele fez um desenhinho, muito gentilmente. Mas aí, quando o Bandeira voltou para a França depois dessa temporada de cinco, seis anos que ele passou no Brasil, aconteceu o contrário: eu comecei a vir muito para o Brasil. E eu sei que a última vez que eu vi o Bandeira foi numa exposição no espaço brasileiro na Rue La Boétie, tinha uma casa do Brasil, um centro cultural brasileiro, dirigido pela Gilda Cesário Alvim, uma pessoa muito interessante, grande amiga nossa, das minhas filhas, que tinham uma adoração por ela. Então, o Bandeira estava nessa exposição, que era a Gilda quem tomava conta desse espaço, e o Bandeira estava muito rouco. O garçom veio com a ban-



133

Paisagem triplicada
Óleo sobre tela
24 x 50 cm
1953

deja, me ofereceu um uísque, aí ele pediu uma coca-cola e disse: “Olha, não diga lá pro pessoal” – eu ia viajar, ele ia ficar – “não diga que me viu bebendo coca-cola” (risos).

Eu nunca vi o Bandeira na casa da dona Gilda, mas vi muitos outros artistas. O Piza, Flávio Shiró, o Krajcberg. Mas talvez o Bandeira estivesse no Brasil, nesse período em que eu frequentei a dona Gilda (Avenue Périchon, em Auteuil, Paris). Acho que ela não tinha obras do Bandeira, não me lembro. Mas é bem provável que não. Não me lembro de ter visto trabalho do Bandeira lá, não.

O adido cultural do Brasil na França, quando eu cheguei... Eu sei quem era esse rapaz, ele acabou sendo cônsul do Brasil na Espanha... Era diplomata de carreira... Era escritor, era o irmão do general que foi nosso presidente, como chamava... Ele tinha um irmão que escrevia peça de teatro... Guilherme Figueiredo (1915 / 1997), irmão do João Baptista Figueiredo (que governou o Brasil de 1979 a 1984). O Guilherme Figueiredo era uma figura muito interessante. Esse eu vi várias vezes na casa da Gilda. Agora, o Guilherme era um homem muito curioso, eu gostava muito dele. Ele foi competente, ele trabalhou...

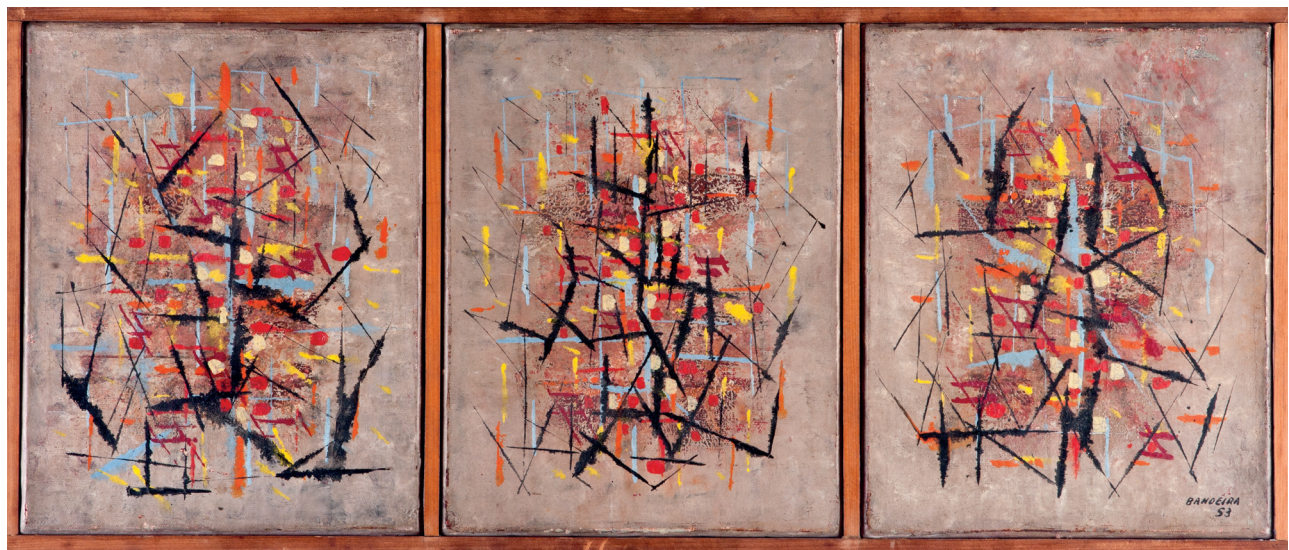
O Bandeira gostava de vinho. Não sei de que tipo.... No país em que se bebe vinho, o vinho é uma coisa tão corriqueira que você... A não ser que seja num caso ou num momento em que o vinho entrasse em discussão.

Quando eu vinha ao Brasil e queria vinho, sempre tinha dificuldade de encontrar um vinho que não fosse português aqui em Fortaleza, era difícil, você não encontrava, não. Era vinho português.

Quando o Bandeira morreu, eu estava aqui. Eu estava embarcando com minhas filhas para o Rio de Janeiro e o Fran Martins, que foi no aeroporto para se despedir, ele disse: “Eu tenho uma notícia muito ruim para lhe dar. O Bandeira morreu”. E o Bandeira morreu, todo mundo sabe, não é segredo, ele morreu por descuido médico: não puseram o sugador pra retirar sangue, e aí ele morreu sufocado. O Haroldo Juaçaba (médico cearense, 1919/2009) gostava muito do Bandeira também, ele me disse: “Olhe, eu falei tanto pro Bandeira: venha se operar aqui no Ceará, a gente faz isso bem direitinho...”

Era uma cirurgia das amígdalas. Ele tinha gânglios nas cordas vocais, daí a rouquidão. E eles foram crescendo e a voz foi sendo prejudicada, cada vez mais. Era bem baixinho que ele falava.

Texto editado por Gilmar de Carvalho a partir de entrevista a ele concedida por Sérvulo Esmeraldo.



135

Árvores triplicadas
Óleo sobre tela
24 x 58 cm
1953



137

Retrato de menino
Óleo sobre madeira
40 x 28,5 cm
1942